

# DESBUNDE E DESENCANTO: UMA LEITURA DE CAIO FERNANDO ABREU

**Alexandre Cezar Nascimento dos Santos<sup>1</sup>, Sílvia Regina Pinto<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Universidade do Estado do Rio Janeiro - UERJ / Programa de Pós-graduação do Instituto de Letras, Rua São Francisco Xavier 524, 11º andar, Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, alexged22@yahoo.com.br.

**Resumo** - Este trabalho tem como delimitação mais específica alguns aspectos que perpassam os contos das obras de Caio Fernando Abreu: *Morangos Mofados* e *Pedras de Calcutá*. Relaciona-os, portanto, à recepção e interpretação destes dois livros nos anos setenta e oitenta. Faz a releitura de uma época e sua imediata relação com a construção e um subsequente esvaziamento das utopias vanguardistas nesses dois cenários, respectivamente. Tem, portanto, um enfoque de leitura na percepção das dissoluções de imaginários e ideários dos movimentos de contracultura das décadas de sessenta e setenta e acompanha uma possível trajetória de leitura por Caio Fernando Abreu nos *Morangos Mofados* do resultado desses movimentos nos ideários do início da década de oitenta.

**Palavras-chave:** contracultura, *Morangos Mofados*, Caio Fernando Abreu  
**Área do Conhecimento:** Lingüística, Letras e Artes

## Introdução

Caio Fernando Abreu apesar de escritor desde os dezesseis anos e de ter publicações desde o início da década de setenta, alcança somente em 1982 o que se arriscaria aqui a chamar de unanimidade de público e crítica. E é com o livro *Morangos Mofados*, uma coletânea de 18 contos, divididos em três partes, que esse feito é realizado.

*Morangos* foi considerado na época de seu lançamento, pela própria crítica, como lembra uma matéria no Estado de São Paulo sobre o autor “o livro síntese de uma geração que se despedia definitiva e nostalgicamente da utopia hippie e ainda não estava preparada para a distopia yuppie que viria a seguir” (O Estado de São Paulo, 1998).

É comum associar *Morangos Mofados* de 1980 com *Pedras de Calcutá*, livro anterior de Caio Fernando Abreu escrito em 1977. Isto porque a primeira parte dos *Morangos*, mesmo que com suas nuances e questões próprias, parece ser uma continuação do que poderia se chamar o vigor central de *Pedras de Calcutá*, só que num tom mais amargurado.

Este presente texto trabalha algumas considerações que perpassam principalmente, não exclusivamente, essas duas obras do autor, associando-as a dois momentos culturais e sociais diferentes do ideário brasileiro e, de certa forma mundial: o desbunde lisérgico dos anos setenta e o desencanto decadente e conseqüente pré-anunciado no início da década de oitenta pelas próprias palavras do outrora aliciador-mor John Lennon: “*The dream is over...*”

## Metodologia

*Morangos Mofados* é estruturado em três partes: O *Mofa*, constituída de nove contos; *Morangos*, de oito; e um último conto que dá título ao livro: “*Morangos Mofados*”. Na primeira parte está representada ainda a ditadura militar, o processo de desumanização e asfixiamento da liberdade que foi tema do livro anterior, tudo isso revestido de uma ótica esvaziada e nauseabunda. Na segunda e no último conto, as sementes que frutificam no asfalto, o fiapo de esperança que diferencia *Morangos Mofados* dos livros anteriores e posteriores.

*Pedras de Calcutá*, livro anterior, é uma obra que ainda possui fresca em seus signos, o visco ácido e evasivo dos desbundes dos anos setenta como alternativa coletiva de perspectiva de um outro mundo, marginal. Ainda há espaço para campos repletos de morangos doces e vermelhos serem apresentados como armas contra toda autoridade universalizante e que se apresentasse constringindo toda e qualquer voz “minoritária”. Há, apesar de toda individualidade presente nos textos de Caio, uma percepção de mundo que inclui em suas perspectivas uma concepção grupal de sonho e luta: “...uma obra inspirada num verso de Mario Quintana e que pretendeu delimitar no espaço interior das personagens o espaço exterior que as cercavam, refletindo o clima de tensão e castração do momento político atravessado e a necessidade de se insurgir quanto a isso, extravasando suas próprias individualidades.” (TRINDADE).

O campo de pesquisa relativo ao texto que ora se produz perpassa essas duas obras de Caio Fernando Abreu por elas se destacarem na produção do autor demarcando territórios que delineiam interpretações de transição desses escritos na posteridade, e na própria contemporaneidade destes.

## Resultados

A residência da angústia de quem se entregou às radicalizações utópicas, como em *Pedras de Calcutá*, e viu, posteriormente, essas serem subvertidas e domesticadas (docilizadas) pela tradição “vestida” nos veículos de comunicação de massa, são os *Strawberry Fields* repletos de mofos que Caio Fernando Abreu nos apresenta nos *Morangos*.

Um campo inteiro de morangos cada vez mais mofados, onde se abdicava da realidade (“*nothing is real and nothing to get hungabout*”, como o próprio Lennon disse), foi o legado que ficou dos anos 60 e 70 nas gargantas dos “sobreviventes” (conto de *Morangos*) no início da década de 80: “...ai que gracinha nossos livrinhos de Marx, depois Marcuse, depois Reich, depois Castañeda, depois Laing embaixo do braço, aqueles sonhos todos colonizados nas cabecinhas idiotas, bolsas na Sorbonne, chás com Simone e Jean-Paul nos 50 em Paris, 60 em Londres ouvindo here comes the sun Little darling, 70 em Nova York dançando disco-music no Studio 54, 80 a gente aqui mastigando essa coisa porca sem conseguir engolir nem cuspir fora nem esquecer esse azedo na boca” (ABREU, 1995: 18).

Os sobreviventes, que no encadeamento geral dos contos do livro é um dos principais contos de *Morangos Mofados*, representa toda uma geração que saiu do desbunde lisérgico da contracultura com aquele gosto amargo, angustiantemente azedo, dos morangos de *Strawberry Fields* na garganta, agora já esverdeados de podres, e que não conseguiam cuspi-los, nem os engolir de forma alguma. “*Morangos Mofados, nesse sentido, se caracteriza por ser ao mesmo tempo um balanço desse percurso e um rompimento com elementos que nele se fizeram presentes. O sujeito se depara com emoções, realidades e ilusões já conhecidas e que necessitam ser superadas. Ele se esforça pra ser um sobrevivente ao esgotamento de uma realidade na qual as utopias não se concretizaram, se revelaram sonhos e morreram antes de frutificar.*” (LEAL, 2002: 98).

Sem excluir outros temas que perpassam não somente o livro em questão, como toda a obra de Caio, a tônica que fica da citação acima do conto *Os sobreviventes*, e que, como dito antes, é o conto chave de *Morangos Mofados*, é que esse é o sentimento que, de certa forma, fala mais alto

para essa geração já posterior às utopias e vanguardas literárias e artísticas, querendo evitar neste trabalho o termo *pós-moderno* para nosso contexto. Porém, geração essa que teve como resultado da tempestade moderna chamada progresso, os cacós, ruínas e mofos de toda uma geração anterior de lutas, sonhos e esperanças.

## Discussão

A percepção de um sentimento coletivo de castração em relação ao tenso momento político atravessado e a necessidade de extravasamento de individualidades em prol de uma possível realidade melhor, são temas que ainda remetem *Pedras de Calcutá* a um ideário mais presente na lisérgica década de setenta.

Não que uma acentuada nebulosa individualidade existencial não esteja presente nos contos de *Pedras de Calcutá*; porém, aqui a evasão para a escolha de um mundo outro, marginal, alternativo, filtrada predominantemente pela perspectiva existencial, com o questionar-se da concepção de realidade, da postura do ser no mundo, é o retrato de uma geração que, mesmo em princípios de desencanto, tem como mote a valorização de uma postura marginal contra o sistema. “*A marginalidade é tomada não como uma saída alternativa, mas no sentido de ameaça ao sistema; ela é valorizada exatamente como opção de violência, em suas possibilidades de agressão e transgressão. O uso de tóxicos, a bissexualidade, o comportamento descolonizado são vividos e sentidos como gestos perigosos, ilegais e, portanto, assumidos como contestação de caráter político*” (HOLLANDA, 1981: 68).

Com o advento da contracultura nos anos 60 e 70, no contexto da guerra fria, ou seja, em um mundo dicotomizado, “muito bem dividido”, toda uma geração fomentada por utopias de libertação contra um sistema também “muito bem delimitado e visível” surgiu e se propagou tendo como sugestão uma revolução nas relações sociais com base em uma liberdade de expressão que teve a própria liberdade corporal como bandeira desfraldada.

Ou seja, ameaçou todo um sistema social de auto-conservação em relação aos valores que o corpo vestido e ordenado delimitava (enquanto ocultador de uma não-identidade possível) e instaurou com o “corpo nu”, orgânico (um dos “signos” mais fortes da contracultura), todo um leque de novas possibilidades desordenantes.

Porém, da mesma forma como essa liberdade corporal fora propagada, posteriormente seria esta absorvida e cooptada pelos veículos de comunicação a custos altíssimos e audiências inflamadas de banalização e industrialização desse mesmo corpo. Isto é, de signo “orgânico”, cerne da desordem, esse mesmo corpo entra na

década de oitenta imerso em uma semântica de reificação e compartimentarização libidinal, agora seria ele lógico e ordenado racionalmente para pronto consumo.

## Conclusão

O diferencial marcante na escrita de Caio em relação aos autores de sua contemporaneidade, é que ela é uma escrita culturalmente particular, que já nos anuncia, na própria forma mesmo, densa e angustiante, a situação de diluição final das utopias de toda uma geração que vivia facilmente com os olhos fechados (“*living is easy with eyes closed*”) e não comprometida com o real (“*nothing is real*”). O abandono do real e a fé nas ideologias deixaram a realidade apodrecer e quando o sonho acabou toda uma geração viu-se cercada de mofo e desencanto. Reflexos desse apodrecimento são encontrados como esgotamento das utopias em várias entrelinhas do texto de *Morangos* e no corpo e percepção sensorial de realidade de seus personagens.

A solidão, a pulverização e interiorização do inimigo, o decorrente esvaziamento dos sentidos de lutar contra, de ser anti-..., ou seja atirar a esmo em um inimigo invisível e disperso que pode estar entrincheirado dentro de si próprio, ou como diz Renato Russo no primeiro LP da Legião, na música *Soldados*: “*Quem é o inimigo?/ Quem é você?/ Nos defendemos tanto tanto sem saber/ Porque lutar*”. Ou seja, a falência de todo um projeto existencial alternativo de residência em *Strawberry Fields*; em suma, todo um sentimento típico da transição dos anos 70 para os anos 80, de um período de utopias, para um período que nos deixa um silêncio reticente, como que um pós-tudo, encontramos nos textos de Caio Fernando Abreu em *Morangos Mofados* e em suas obras seguintes.

Ainda assim, Caio ainda deixa transparecer no texto que achar uma solução seja necessário, porém, já sem a ‘inocência’ das utopias e ideologias anteriores. Na última parte do livro e ao final do último conto de *Morangos Mofados*, um conto homônimo ao título do livro, vindo de um sonho repleto de angústia e estando recém caído da cama, ouve-se textualmente uma voz que enxerga, meio que turvo ainda, meio que assustado ainda, mas que enxerga um caminho: “*O sol estava nascendo [...] Abriu os dedos. Absolutamente calmo, absolutamente claro, absolutamente só enquanto considerava atento, observando os canteiros de cimento: será possível plantar morangos aqui? Ou se não aqui, procurar algum lugar em outro lugar? Frescos morangos vivos vermelhos. Achava que sim. Que sim. Sim*” (ABREU, 1995: 152)

A poesia de Caio é a imagem impressa, porém em movimento criador, de sua geração que nos

anos 80 adquire inesperadamente uma dívida, com, seja lá o que for, ou o que faremos dela, a realidade. “*No conto título do livro, uma última e inútil tentativa de socorrer John Lennon, um certo adeus às fantasias apocalípticas e, sobretudo, a clareza quanto à urgência de um novo projeto (sonho) que inclua um acerto de contas com o real.*” (HOLLANDA, 1982).

Assim, então, Caio Fernando Abreu termina esse livro angustiante e amargo com a palavra sim. A despeito da falência de utopias de toda uma geração ao qual pertenceu e na tentativa de plantar, quem sabe, morangos no concreto, achava que sim, que algo era necessário e deveria ser feito.

## Referências

- ABREU, Caio Fernando. *Morangos Mofados*. 9ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1995
- \_\_\_\_\_, Caio Fernando. *Pedras de Calcutá, contos*. São Paulo: Alfa-Omega, 1977; 2 ed., Cia. das Letras, 1995.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque, Caderno B, *Jornal do Brasil*, 24/10/1982.
- \_\_\_\_\_, Heloisa Buarque, Caderno B, *Jornal do Brasil*, 31/10/1982.
- \_\_\_\_\_, Heloisa Buarque. *Impressões de viagem*. São Paulo: Brasiliense, 1981
- LEAL, Bruno Souza. *Caio Fernando Abreu, a metrópole e a paixão do estrangeiro: contos, identidade e sexualidade em trânsito*. São Paulo: Annablume, 2002
- O Estado de São Paulo, 18 de abril de 1998. In: [www.estadao.com.br](http://www.estadao.com.br)
- TRINDADE, Valdo, In: <http://www.verbo21.com.br/arquivo/5ltx5.htm>